

Desafios para a curricularização da extensão universitária nos cursos de graduação

Challenges for curricularization of university extension in undergraduate courses

Nadja Glheuca da Silva Dutra Montenegro¹

José César Pontes Moreira²

Josué Gustavo da Silva³

Resumo: O objetivo desse trabalho é fazer uma análise sobre a curricularização da extensão e a atividade extensionista. Para isso, fez-se um levantamento bibliográfico e documental, trabalhando com 12 textos de especialistas que tratam da extensão e da curricularização. Há um consenso de que a extensão gera benefícios sociais e é um importante pilar para a formação dos estudantes e que a curricularização da extensão vem para fortalecer esse processo social e educacional. Porém há desafios a serem vencidos, como a escassez de recursos e o melhor reconhecimento da extensão nos processos institucionais internos das próprias universidades. Conclui-se que a curricularização da extensão é um processo obrigatório e que chegou em boa hora para valorizar a extensão em todas as suas dimensões acadêmicas.

Palavras-chave: curricularização; estratégia educacional; valorização da extensão.

Abstract: The objective of this work is to make an analysis about the curricularization of extension and extensionist activity. For this, a bibliographic and documental survey was carried out, working with 12 texts of specialists who deal with extension and curricularization. There is a consensus that extension generates social benefits and is an important pillar for the formation of students and that the curricularization of extension comes to strengthen this social and educational process. However, there are challenges to be overcome, such as lack of resources and better recognition of extension in the internal institutional processes of the universities themselves. It is concluded that the curricularization of extension is a mandatory process and that it came at a good time to value extension in all its academic dimensions.

Keywords: curricularization; educational strategy; valuing extension.

¹ Pró-Reitora de Assuntos Estudantis - PRAE/UFC. Professora titular do Departamento de Engenharia de Transporte CT/UFC. Doutorado em Engenharia de Transportes pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: nadja@det.ufc.br

² Pesquisador e Coordenador do Núcleo Rondon na UFC, Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: cesarpontes@ufc.br

³ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: silvajosuegustavo@alu.ufc.br

1 INTRODUÇÃO

O processo de curricularização da extensão universitária nos projetos pedagógicos de curso representa uma quebra com o arranjo tradicional presente nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Até o ano de 2022, a maioria das atividades de extensão foram realizadas de forma isolada, não obrigatória e desvinculadas da estrutura curricular dos cursos de graduação. A partir de 2022, busca-se, com a curricularização da extensão, integrar a extensão como um dos elementos centrais, juntamente com o ensino e a pesquisa, no tripé harmônico que sustenta o ambiente de ensino-aprendizagem nas universidades. Dessa forma, é estabelecida a necessidade de alocar as horas de extensão para a formação dos estudantes na grade curricular e sob a supervisão da unidade acadêmica (SANTOS *et al.*, 2016, p. 27). Como se esclarece que:

O terceiro Plano Nacional de Educação (2014-2024) ratifica a universalização da Extensão, mantendo os 10% de obrigatoriedade curricular e orientando sua integralização em programas e projetos em áreas de pertinência social, exclusivamente (IMPERATORE; PEDDE, 2015, p. 6).

As ações de extensão nas universidades destacam o seu caráter transformador, possibilitando aos alunos se tornarem sujeitos ativos em seu amadurecimento acadêmico, ao mesmo tempo em que colaboram com atividades que promovem saúde, educação, empreendedorismo, sustentabilidade e outros princípios fundamentais para o engajamento entre as comunidades e a universidade contemporânea, que tem como premissa basilar a promoção da cidadania.

A conexão entre o embasamento teórico adquirido nas salas de aula e laboratórios e a prática fora da universidade preparam os estudantes para a realidade após a formação acadêmica. No contexto das IES, financiadas com recursos públicos, o caráter extensionista desempenha um papel importante ao retribuir ações extensionistas à sociedade por meio de melhorias nas condições de vida, especialmente nas comunidades circundantes, democratizando o conhecimento e apresentando soluções para desafios que afetam o desenvolvimento social.

Importante perceber que:

A curricularização da Extensão proposta pela política pública desafia as instituições de ensino superior brasileiras a repensarem suas concepções e

práticas extensionistas, historicamente assistencialistas e ou mercantilistas e, excepcionalmente alinhadas às demandas da sociedade e à dinâmica curricular (IMPERATORE; PEDDE, 2015, p. 1).

No entanto, mesmo com as discussões e o aumento da conscientização sobre a importância da extensão nos currículos dos cursos de graduação, existem obstáculos institucionais, acadêmicos e pedagógicos a serem superados. Sobressaem-se entre esses entraves: a resistência de alguns professores, alunos e membros da comunidade acadêmica que possuem uma visão mais tradicional do papel da academia; a falta de infraestrutura, espaços de coordenação e meios de transporte; a falta de financiamento adequado para a concretização de ações e que exigem capacitação de equipes, materiais, deslocamento, concessão de bolsas, divulgação e apoio às comunidades atendidas e por último o excesso de burocracia envolvida nos cadastros e relatórios das atividades, na integração efetiva da extensão nos currículos, demandando treinamento para os professores lidarem com o acompanhamento das atividades extensionistas.

A curricularização da extensão é a meta 12.7 do Plano Nacional de Educação e deve observar as diretrizes extensionistas da interação dialógica, da interdisciplinaridade e da interprofissionalidade; da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e do impacto na formação do estudante e na transformação social.

A extensão pode ser distribuída no Projeto Pedagógico dos Cursos (PPC) como: a) parte de componentes curriculares não específicos de extensão; b) unidades curriculares específicas de extensão; e c) como composição dos itens “a” e “b”.

Portanto, este artigo objetiva analisar, de forma sucinta, os percursos para a integração das atividades extensionistas nos currículos dos cursos de graduação, destacando também as possibilidades existentes.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é descritiva, exploratória e de cunho qualitativo, buscando apreender o que foi escrito pelos especialistas em extensão e pesquisadores na área da educação. A pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental foram as fontes de desenvolvimento do texto. Basicamente, a quase totalidade dos textos foram

coletados na internet. As experiências dos autores também ajudaram na construção do texto, uma vez que dos três, dois foram gestores na Pró-Reitoria de Extensão e coordenadores de ações extensionistas.

Inicialmente, a metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica abrangente sobre aspectos relevantes que definem e conceituam a extensão universitária, sua origem como um processo de construção histórica, no mundo e no Brasil, e as métricas relacionadas à curricularização da extensão. A sondagem bibliográfica foi realizada abrangendo fontes diversas para garantir uma análise crítica. Além de periódicos e repositórios institucionais, foram incluídos livros, monografias, relatórios de organizações relevantes, teses, dissertações e materiais de conferências acadêmicas.

A estratégia de busca de literatura envolveu o uso de palavras-chave adequadas para cada conceito relevante, como “extensão universitária”, “curricularização da extensão” e “legislação da extensão”. Foram utilizadas bases de dados acadêmicas, como Google Scholar, Scopus e bibliotecas digitais de universidades, para garantir a recuperação abrangente dos estudos relevantes.

Após a seleção inicial dos estudos, foi realizada uma avaliação crítica da qualidade e da fonte, considerando critérios como autoria, metodologia e impacto acadêmico.

A pesquisa documental foi conduzida em duas vertentes, complementando-se mutuamente: na primeira, foi realizada uma análise detalhada de documentos oficiais, legislações e políticas institucionais relacionadas à extensão universitária e à curricularização no contexto brasileiro. Isso incluiu a leitura e análise de leis, decretos, portarias e outros documentos governamentais relevantes que moldam a implementação da extensão universitária. Na segunda vertente, foram analisados relatórios institucionais e artigos científicos de diferentes universidades brasileiras.

Os dados coletados por meio da pesquisa documental foram submetidos a uma análise qualitativa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A extensão universitária desempenha um papel indispensável no contexto acadêmico, sendo parte integrante da tríade ensino-pesquisa-extensão. A prática extensionista envolve a concepção, a implementação e a coordenação de ações pelos membros da comunidade acadêmica, direcionadas ao público externo à universidade, além das salas de aula e dos laboratórios. Os programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços oferecidos no âmbito da extensão têm como objetivo a noção de que o processo de ensino-aprendizagem, incluindo a pesquisa, é realizado em prol da sociedade. Nesse sentido, a extensão surge como uma ponte para a democratização do conhecimento produzido (FERNANDES *et al.*, 2012).

Quadro 1 – O que é Extensão?

Quem diz	O que dizem sobre a Extensão
Rúbia Baptista, Ministério da Educação (MEC)	“A extensão universitária se caracteriza como um conjunto de ações de caráter educativo e interdisciplinar que permitem a interação entre a universidade e a sociedade.” ⁴
Luiz Cláudio Costa, secretário de Educação Superior do MEC	“Além de fazer parte da formação acadêmica dos jovens, é a partir de um trabalho conjunto entre estudantes, professores e servidores que a universidade tem a possibilidade de refletir e agir em relação às questões sociais do país”. ⁵
Alexandre Pilati, decano da Extensão - UnB	“A extensão implica em participação da comunidade externa, protagonismo do estudante e tende a ter a dimensão de pesquisa. Ou seja, será um salto de qualidade na trajetória acadêmica dos discentes” ⁶
Márcia Abrahão, reitora da UnB	“A extensão representa a universidade além dos muros, é nosso maior ponto de interação com a comunidade” ⁷
Pró-Reitoria de Extensão/UFC	“É a troca de saberes e experiências com diferentes segmentos sociais, compreendendo as ações extensionistas como processos educativos, culturais e científicos que articulam o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade.” ⁸
Pró-Reitoria de Extensão /URCA	“A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX). ⁹

⁴ Fonte: portal.mec.gov.br

⁵ Fonte: portal.mec.gov.br

⁶ Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2022/07/5021001-extensao-passa-a-ser-obrigatoria-no-curriculo-da-graduacao-em-2023.html>

⁷ Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2022/07/5021001-extensao-passa-a-ser-obrigatoria-no-curriculo-da-graduacao-em-2023.html>

⁸ Fonte: <https://prex.ufc.br/pt/sobre/apresentacao/>

⁹ Fonte: <http://www.urca.br/proex/sobre-a-reitoria/>

Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo	“É a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social.” ¹⁰
Targino de Araújo Filho, reitor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	“A extensão não deve mais ser vista como uma ação redentora da universidade, mas como uma área que contribuiu, efetivamente, para o cumprimento dos objetivos. O principal deles, a produção e a difusão do conhecimento” ¹¹
Para Moreira <i>et al</i> (2022, p. 2)	“A extensão universitária vem contribuindo na formação dos acadêmicos, oportunizando a prática e a vivência nas mais diversas áreas do conhecimento em ações junto às comunidades.” ¹²
Amy Tikkanen, editora-gerente da Encyclopaedia Britannica	“Essas atividades às vezes são chamadas de estudos extramuros, <u>educação continuada</u> , educação superior de adultos ou educação <u>universitária de adultos</u> .” ¹³
Universidade de Harvard	“A extensão tem como objetivo conectar a universidade com a comunidade global, oferecendo uma ampla variedade de cursos, palestras e programas educacionais para o público em geral.” ¹⁴
Universidade de Oxford	“A extensão visa promover a difusão do conhecimento acadêmico através de uma variedade de atividades, incluindo cursos, seminários, palestras e pesquisas colaborativas.” ¹⁵
Universidade de Cambridge	“A extensão universitária tem por objetivo tornar o conhecimento e a pesquisa da universidade acessível a um público mais amplo através de uma ampla gama de programas educacionais e eventos públicos. Visa promover a educação, o conhecimento e o engajamento cívico através da colaboração com comunidades locais e globais.”

Fonte: Autores (2023).

Através da interação com a sociedade, a comunidade acadêmica estabelece relações e práticas colaborativas nas diversas áreas do conhecimento e da cidadania, tais como educação, saúde, cultura, comunicação, direitos humanos, justiça, meio ambiente, tecnologia, produção e trabalho. Além disso, a extensão promove debates relevantes para o desenvolvimento social e promove capacitações para as pessoas que estão fora da academia. Devido à variedade de abordagens da extensão, é fundamental compreendê-la como uma oportunidade de intercâmbio de saberes e experiências entre o conhecimento científico e o conhecimento popular (SANTOS *et al.*, 2016).

¹⁰ Fonte: <https://proex.ufes.br/o-que-e-extensao-universitaria>

¹¹ Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/extensao-universitaria#:~:text=A%20extens%20universit%20caracteriza%2Dse,a%20universidade%20e%20a%20sociedade.>

¹² Fonte: Revista Extensão em Ação, PREX/UFC.

¹³ Fonte: <https://www.britannica.com/topic/university-extension>

¹⁴ Fonte: GoatChat AI, junho, 2023.

¹⁵ Fonte: GoatChat AI, junho, 2023.

Para além do compartilhamento e da cooperação promovida pela extensão universitária entre os membros da universidade e as comunidades sociais envolvidas, as ações devem ser vistas como meios pelos quais os estudantes colocam em prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula e nos laboratórios. Ao participar de atividades extensionistas, os estudantes têm a oportunidade de estabelecer contato com diversas áreas do conhecimento e ideias, tornando sua experiência universitária uma jornada ativa, na qual eles se firmam protagonistas em escolhas e em caminhos que não seriam possíveis sem a aplicação concreta do conhecimento adquirido.

Outro aspecto relevante é a estreita relação entre a extensão universitária e a comunicação em equipe, que permite o desenvolvimento de habilidades e competências socioemocionais. A colaboração e a proximidade com a comunidade proporcionam aos envolvidos a ampliação de suas perspectivas de mundo, sem negligenciar questões sociais fundamentais que, em algumas circunstâncias, passam despercebidas no contexto da sala de aula. Como praticantes da extensão, os estudantes são expostos, por meio de suas interações sociais, a ambientes, a personalidades, a condições sociais e a histórias de vida que fogem do ambiente habitual em que estão inseridos, o que lhes permite identificar demandas pertinentes para outros agrupamentos sociais. Nesse sentido, a extensão universitária não apenas desempenha um papel importante como instrumento de cidadania, mas também é um meio pelo qual a universidade aprimora seus quadros e forma profissionais preocupados e conscientes sobre as diversas realidades socioeconômicas e culturais.

Já na década de 70 e 80, houve uma ênfase na sistematização do conceito de extensão universitária e de seus métodos, que se tornaram objeto de debates centralizados no Governo Federal, sob a supervisão do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Nesse contexto, MEDEIROS destaca o Plano de Trabalho da Extensão Universitária como uma das medidas mais eficazes adotadas naquele período:

No ano de 1975, sob forte controle da censura, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) lançou o Plano de Trabalho da Extensão Universitária, o qual, mesmo diante da conjuntura histórica de repressão, se caracterizou por ser um avanço no que tange às questões extensionistas no Brasil. [...] O Plano de Trabalho da Extensão Universitária tem um papel fundamental no processo histórico da construção da Extensão Universitária no Brasil, por que através dele o MEC conseguiu, mesmo diante de uma conjuntura de repressão, garantir a competência de preconizar como o trabalho extensionista deveria ser realizado pelas Universidades. Isso significa criar uma linha política de atuação e a partir dela, construir espaços para que

novos atores sociais se colocassem em cena, no caso, as próprias Universidades. (MEDEIROS, 2017, p. 3)

Após o abrandamento e posterior término do Regime Militar, houve uma preocupação em estabelecer a educação como um dos pilares fundamentais da sociedade democrática durante a elaboração da Constituinte de 1988. Nesse contexto, foi atribuída às universidades a missão de seguir o tripé ensino-pesquisa-extensão, tanto em suas atividades internas, quanto nas externas. O Capítulo III, Da Educação, da Cultura e do Desporto, da Constituição da República Federativa do Brasil, em seu Artigo 207, fornece apoio à extensão ao afirmar que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988, art. 207).

No contexto das universidades contemporâneas, a prática extensionista é abordada de duas maneiras principais: extensão tradicional e inserção dentro das disciplinas. A primeira refere-se a ações voluntárias e independentes da estrutura curricular, enquanto a segunda propõe a integração da extensão ao currículo dos cursos de graduação. Ambas as abordagens têm como objetivo promover a interação entre a universidade e a sociedade, aplicando o conhecimento acadêmico em benefício da comunidade.

A extensão tradicional é a modalidade mais comum, na qual as ações extensionistas são realizadas de forma isolada, não obrigatória e desvinculadas da estrutura curricular dos cursos de graduação. Os estudantes têm a liberdade de decidir participar ou não dessas atividades. Nessa perspectiva, os membros da comunidade acadêmica escolhem voluntariamente, ou como bolsistas, a atuação em programas, projetos, cursos, eventos e serviços oferecidos pela extensão à sociedade, em uma relação de cooperação mútua, destacando-se a iniciativa e a motivação pessoal.

Por outro lado, a inserção de conteúdos de extensão nas disciplinas tem sido discutida como uma alternativa ao tradicionalismo que tem prevalecido por décadas, visando relacionar a formação, não apenas ao ensino e à pesquisa, mas também às atividades que aplicam o conhecimento adquirido fora da universidade. Os estudantes são expostos a ações de extensão que complementam as disciplinas teóricas e/ou práticas do curso, permitindo a aplicação de conceitos em situações

práticas, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais relevantes para a trajetória acadêmica e para a vida como cidadãos capazes de estabelecer relações interpessoais e enfrentar desafios cotidianos. Assim, a curricularização depende do entendimento, por parte dos alunos, acerca da importância da prática extensionista, bem como da conscientização das instituições sobre as possibilidades que a extensão oferece para enriquecer os currículos.

A curricularização das ações extensionistas surge do princípio de que a universidade contemporânea deve estar aberta à comunidade e melhorar a formação dos alunos, ao mesmo tempo que contribui para o enfrentamento das questões sociais, seus desafios e avanços tecnológicos. Essas abordagens reconhecem o poder transformador da educação e da cultura, valorizando a diversidade de pensamento e de situações. Em ambas as vertentes citadas, o estudante é colocado como um sujeito ativo em sua jornada universitária. A diferença é que a curricularização amplia a experiência da prática extensionista, equiparando-a ao nível do ensino e da pesquisa. Para que a curricularização seja um mecanismo eficaz no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, são necessárias mudanças, como a revisão dos projetos pedagógicos dos cursos para estabelecer critérios metodológicos de avaliação de desempenho e a inclusão das ações de extensão como carga horária prática nas disciplinas teóricas. Além disso, é essencial capacitar os professores e aprimorar as estruturas físicas das universidades para acomodar essas atividades.

A implantação da curricularização da extensão nos cursos de graduação não é só normativa, mas de natureza epistemológica inter e transdisciplinar; uma atividade formativa que requer postura intelectual aberta, realizada por meio do diálogo plural e do respeito à alteridade. É processo, é devir, é postura que se tece em sentido sendo, fazendo, vivendo. (RIBEIRO *et al.*, 2018, p. 347)

O Quadro 2 abaixo apresenta a Resolução que trata da curricularização da extensão.

Quadro 2 – Marco legal da Curricularização

Marco Legal	Descrição
RESOLUÇÃO N° 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018	Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei no 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Fonte: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf
LEI N° 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014.	Plano Nacional de Educação - PNE, com vigência por 10 (dez) anos. Apresenta as diretrizes, metas e estratégias do PNE.

Fonte: Autores (2023).

Para Betta *et al* (2018, p. 22) é importante que:

Para atender à meta 12.7 do Plano Nacional de Educação, a instituição deverá registrar seu planejamento, seja na forma de programas, projetos e/ou ações, em seu Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, bem como nos Projetos Pedagógicos dos Cursos - PPC, incluindo estratégias de creditação, formas de participação dos alunos, processo de autoavaliação, estratégias e indicadores utilizados para cumprimento do percentual exigido.

No dia 8 de fevereiro, em encontro do Conselho de Cultura e Extensão Universitária (CoCEX) sobre curricularização da extensão, retratado em reportagem o reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Carlos Gilberto Carlotti Junior¹⁶ diz que:

Esta é uma grande oportunidade para a Universidade aprimorar a estrutura curricular e melhorar a formação dos nossos alunos. As pessoas que estão se formando hoje precisam de outros conhecimentos, outras habilidades...[...]Essa modificação não deve servir apenas para cumprir a legislação, mas para levar uma qualidade suplementar na formação de nossos alunos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram analisados o conteúdo de 12 artigos/textos que foram selecionados a partir de um levantamento bibliográfico inicial que contava com 46 textos que

¹⁶ CRUZ, Adriana. Atividades de extensão passarão a ser obrigatórias no currículo dos cursos de graduação. *Jornal da USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/atividades-de-extensao-passarao-a-ser-obrigatorias-no-curriculo-dos-cursos-de-graduacao/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

versavam sobre extensão universitária e a curricularização. A maioria dos textos fala sobre as partes essenciais da extensão, quais sejam: a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão; a extensão como processo educacional dialógico entre a universidade e a sociedade e o aspecto social transformador que se tem com a realização de ações de extensão, tanto para a formação de cidadãos e profissionais, quanto para os benefícios para o público onde essas ações são realizadas.

Chama atenção que a lei e as normas sobre a curricularização da extensão não venham acompanhadas de programas federais para dar sustentabilidade econômica ao processo de implementação e fomento às ações extensionistas, para que essas possam oferecer espaço e ambiente condizente com a importância desse terceiro pilar educacional da universidade: a extensão universitária. O último edital Proext, que oferecia recursos financeiros para o desenvolvimento de ações de extensão, foi no ano de 2016. Participaram do pleito cerca de 1461 programas e 1782 projetos nas 20 linhas temáticas da extensão, no total de 3.243 ações de extensão, mas nem todas foram contempladas com recursos. Assim, tira-se uma referência mínima de quantas ações extensionistas estão desde 2016 sem recursos (Portal MEC¹⁷). O desafio é apoiar e manter a curricularização da extensão com recursos financeiros escassos, contando algumas ações apenas com bolsas de programas educacionais. Assim, a curricularização é uma oportunidade para que o governo reveja os programas e políticas para dar maior sustentabilidade à extensão, para que se possa atender aos processos de sua curricularização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A curricularização da extensão é o processo do sistema educacional do ensino superior que poderá dar maior visibilidade institucional para esse importante pilar que faz parte da formação dos jovens brasileiros. Concomitantemente, fortalece a indissociabilidade entre o ensino-pesquisa extensão, resultando em benefícios para toda a sociedade. O desenvolvimento da curricularização da extensão demanda o envolvimento de estudantes, técnicos, professores e gestores institucionais internos

¹⁷ Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=19551-resultado-final-proext-2016-projetos-pdf&category_slug=setembro-2015-pdf&Itemid=30192

EntreAções: diálogos em extensão, Juazeiro do Norte, v.4, n. 1, p. 31-43, jan./jun. 2023.

e externos às universidades para que se possa administrar e avaliar bem esse processo tão importante para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, R. G. A extensão universitária: da compreensão da gênese do conceito, características e propostas para alcançar a integração entre universidade - comunidade. *Revista de Ciências Humanas UFV*, v. 20, n. 1, p. 1-12, 2020.

BETTA, E. P. S.; KNOP, R. B.V.; LOPO, W.N.; Alves, L.F.F. *Curricularização da extensão universitária: da teoria à prática*. Brusque: Ed. UNIFEBE, 2018.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

FERNANDES, M.C.; SILVA, L.M.S.; MACHADO, A.L.G.; MOREIRA, T.M.M. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. *Educação em Revista*, v. 28, n. 4, p. 169-193, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/SfxX7fpVccbMrSSDHqCSNhy/?lang=pt>. Acesso em: 3 abr. 2023.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. *Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão*. Porto Alegre: UFRGS, Brasília: MEC, 2006.

GADOTTI, Moacir. *Extensão universitária: para quê?*. Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%25C3%25A3o_Universit%25C3%25A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf&ved=2ahUKEwjbp-Ynsj_AhXeqpUCHQV2Dg0QFnoECAwQBg&usq=AOvVaw1L0CsT2j-LikR-pcCOzaY2. Acesso em: 13 jun. 2023.

IMPERATORE, S.L.B.; PEDDE, V. “Curricularização” da Extensão Universitária no Brasil: questões estruturais e conjunturais de uma política pública. *In: CONGRESSO LATINOAMERICAN DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA*, 13, 2015, Havana, *Anais [...]* Cuba: ULEU/Ministério da Educação Superior da República de Cuba, 2015. Disponível em: https://curricularizacaodaextensao.ifsc.edu.br/files/2016/06/1_Artigo_Curricularizacao_da_Extensao_Universitaria_no_Brasil.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

MEDEIROS, Marcia Maria. A extensão universitária no Brasil - um percurso histórico. *Revista Barbaquá*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 9-16, 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/barbaqua/article/view/1447>. Acesso em: 13 jun. 2023.

MIRRA, E. *A Ciência que sonha e o verso que investiga*. São Paulo: Papagaio, 2009.

MOREIRA, J.C.P.; MACHADO, M. M. T.; MONTENEGRO, N. G. S. D. “Conhecendo a Extensão da UFC” - ampliando o olhar da Universidade. *Revista Extensão em Ação*. Fortaleza, v. 23, p. 19-27, 2022. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/42209>. Acesso em: 13 abr. 2023.

NOGUEIRA, M. D. P. **A participação da extensão universitária no processo de descolonização do pensamento e valorização dos saberes na América Latina**. 2019. Tese (Doutorado em Educação - Conhecimento e Inclusão Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, J. H. S.; ROCHA, B. F.; PASSAGLIO, K. T. Extensão Universitária e Formação no Ensino Superior. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, v. 7, n. 1, p. 23-28, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087/pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RIBEIRO, M. R. F.; MENDES, F. F. F.; SILVA, E. A. Curricularização da Extensão em prol de uma universalidade socialmente referenciada. *Revista Conexão UEPG*, v. 14, n. 3, p. 333-348, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5141/514161580004/514161580004.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

Trabalho submetido em: 21 jun. 2023.

Aceito em: 27 jul. 2023.

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI
PROEX – Pró-Reitoria de Extensão

Av. Tenente Raimundo Rocha nº 1639 Bairro
Cidade Universitária – Juazeiro do Norte –
Ceará – CEP 63048-080

ufca.edu.br



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

entrecões
diálogos em extensão

proex.ufca.edu.br

periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/entrecoes

+55 (88) 3221-9286

e-ISSN 2675-5335